



PENSAMENTO e AÇÃO do PAPA FRANCISCO:

(NOTAS do Pe. Thierry para o “DIALÓGOS EM CONSTRUÇÃO” sobre o **Papa Francisco: 5 anos de pontificado.**)

1. Mudança de MÉTODO pela noção de “ESTILOS DE VIDA”, que se reflete no ESTILO dos seus textos, Francisco faz apelo à experiência concreta e unifica a esfera social à mensagem evangélica. (VER A DIMENSÃO SOCIAL DA EVANGELIZAÇÃO E UMA ECOLOGIA INTEGRAL) Apela além da inteligência, à afetividade, a nossos sentidos e ao coração, tornando possível verdadeiras decisões e ações individuais e coletivas. (Discernimento como percurso “espiritual” de conversão)

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só uma relação pessoal com Deus [...] A proposta É O REINO DE DEUS (cf. Lc 4,43) (EG 180). A dimensão social não se acrescenta ao Evangelho, mas faz intrinsecamente parte dele.

Como o Evangelho do Reino pode efetivamente se encarnar na nossa realidade social, econômica e política? Aqui entra o vocabulário estilístico.

Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus” (EG 114) e retomado na LS’ 66 (relações com Deus, com o próximo e com a terra)

Na pluralidade cultural, surge uma diferencia discriminatória entre “um estilo de vida que exclui os outros” (EG 54) “que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares” (EG 67), seja “um estilo individualista” (EG 195) versus “um estilo de vida e pensamento mais humano, mais nobre, mais fecundo, que dignifique a sua passagem por esta terra” (EG 208).

O critério do discernimento é o “estilo de vida do Evangelho” (EG 168) Este estilo tem sua forma plena no itinerário de Jesus.



EVANGELII GAUDIUM distingue dois planos diferentes: Nossos estilos de vida, constitutivos de nossas culturas e “*estilo de vida do Evangelho*”. Na LS’, o papa opõe um novo estilo de vida (cf. LS’ 16) ao estilo consumista (204) e ao seu modo de produção de consumo (cf. LS’ 23 e 59) tentando superar o domínio do paradigma tecnocrático sobre a economia e a política (cf. LS’ 108-109). Porque “tentando superar”? “*É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder*” (LS’ 107).

“Tornou-se anticultural a escolha de um estilo de vida, cujos os objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica (pois paradigma homogêneo e unidimensional redutor), dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador. Com efeito, a técnica tem a tendência de fazer com que nada fique fora de sua lógica férrea e ‘o homem que é o seu protagonista sabe que, em última análise, não se trata nem de bem-estar, mas de domínio; domínio no sentido extremo da palavra’¹” (LS’ 108).

2. Mudança de PARADIGMA: uma pequena transição. Já no Concílio Vaticano II, os bispos criticaram o caráter a-histórico e intemporalmente unívoco dos documentos preliminares, indo rumo a um novo paradigma não só teológica, mas histórico-cultural, para revalorizar a categoria de ‘relação’ (e não mais a substância), a partir da diferencia ou da alteridade, reconhecendo as realidades históricas e culturais ‘plurais’ dos povos e das culturas.

As doutrinas ficam as mesmas, mas formuladas numa linguagem ‘analógica’ do mistério própria à expressão teológica e à sua explicitação inculturada na história. Essa mudança não implica por si mesmo a das doutrinas. Mas leva, ao mesmo tempo, a uma reinterpretação enriquecedora das verdades já conhecidas e a uma explicitação histórica de nova verdades (porque nota-se uma distinção entre o campo do sentido e o da verdade entendida e praticada como ordem objetiva e absoluta que não considera a objetividade dos fatores humanos subjetivos e

1 ROMANO GUARDINI



históricos). Sem mudar as doutrinas, uma reinterpretação numa fidelidade criadora, segundo uma hermenêutica analógica que responda à leitura dos sinais dos tempos à luz da Palavra de Deus, vivida e entendida na tradição da Igreja.

Assim, por exemplo, a “irrupção do pobre” evidencia alguns aspectos da Palavra de Deus ainda não bem percebidos em GS. Pois, o Concílio não tomou em consideração o engajamento com os povos pobres como também a pobreza da Igreja: uma Igreja pobre para os pobres. *“Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica* (EG 198).

Com gestos concretos e palavras, num estilo evangélico que, sendo profundamente teológica, é também pastoral, simples e acessível a todos. Daí seu impacto grande que corresponde aos sinais dos tempos na nossa época de globalização e de exclusão.

3. NOVO PARADIGMA SOCIOCULTURAL: o papa Francisco diz NÃO a uma economia e de exclusão de disparidade social, à idolatria do dinheiro, à ditadura da economia, às ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira, a uma globalização da indiferença. Ele se opõe à ideologia neoliberal.

O que está subjacente a tamanha iniquidade e injustiça é o paradigma sociocultural atual com sua lógica que atinge todos os níveis da existência individual, social cultural, política, econômica, internacional e inclusive religioso (ver a mundanismo espiritual na EG 93-97). Uma mudança de estrutura é necessária, mas insuficiente se não se transforma o paradigma sociocultural atual (tecnocrático ou tecno econômico) que rege as mentes e os corações.

“A cultura ecológica [...] deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um ESTILO de VIDA e espiritualidade que opunham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático (LS 111). Numa corajosa revolução cultural (LS 114), que, na crítica à autorreferência da Igreja e das sociedades, se abre à cultura do encontro, da comunicação e do



diálogo. Tudo isso visa a possibilidade real de um novo paradigma SOCIOCULTURAL integral.

4. O POVO de DEUS: o povo fiel de Deus e o 'sensus fidei'

“Esta salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos, e Deus criou um caminho para se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convoca-los como povo, e não como seres isolados” (EG 113)

“Este povo de Deus se encarna nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria. [...] Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus [...] A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe (EG 115).

O papa reconhece a pluralidade dos povos-nações e os considera como protagonistas de suas histórias e culturas específicas. Aqui há uma compreensão dos laços estreitos que unem a religião (a fé cristã) às diferentes dimensões da cultura, política inclusiva. Na Argentina, tenta-se articular num discurso teológico a sabedoria do povo de Deus inculturado, apresentando uma reflexão teológica inculturada. *“Quando um comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda sua cultura com a força transformadora do Evangelho* (EG 116). O papa acentua uma doutrina tradicional reconhecendo que *“Deus dota a totalidade dos fieis de um instinto de fé - sensus fidei - que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus*

5. OS QUATRO PRINCÍPIOS QUE PERPASSAM O PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO: da ESFERA ao POLIEDRO na TEOLOGIA do POVO rumo à CONSTRUÇÃO de um POVO

Na EG 116, o papa Francisco refere-se ao “rosto pluriforme” do Povo de Deus e à sua harmonia multiforme graças à diversidade



das culturas que o enriquecem. Igualmente, quando fala dos povos, utiliza de maneira análoga a imagem do poliedro para significar a unidade plural, no seio do conjunto, de diferenças irreduzíveis. Para entender uma realidade dinâmica e sempre em construção, a categoria SUBSTÂNCIA não serve, mas bem a da RELAÇÃO e de PROCESSO.

Esses 4 princípios estão em relação com *“as tensões bipolares próprias de toda a realidade social. [...] À luz deles, desejo agora propor estes quatro princípios que orientam especificamente o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo em que as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum, [...] verdadeiro caminho para a paz (EG 221).*

O tempo é superior ao espaço: (EG 222-225)

O tempo nos projeta para o futuro com horizonte aberto, plenitude que se opõe à limite, muro que fecha o horizonte.

Dar a prioridade ao tempo significa INICIAR PROCESSOS em vez de POSSUIR ESPAÇOS. Tomar ao sério o TEMPO e o OUTRO, e renunciar ao controle dos espaços. Não ficar om a obsessão de resultados imediatos; dar tempo ao tempo. Uma plenitude em acordo com o caráter particular, singular e suas possibilidades (Ricoeur).

“Um dos pecados que, as vezes, se nota na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos [...] para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los” (EG 223).

Critério válido também para a evangelização assumindo processos possíveis via uma conversão pastoral e missionária com a reforma das estruturas caducas da Igreja (Aparecida)



Bíblia: esperar o Espírito Santo (Jo 16, 12-13); parábola do trigo e do joio (Mt. 13, 24-30) onde o grão madurece com o tempo e o inimigo semeia no espaço do Reino; na demanda da mãe dos filhos de Zebedeu ocupar espaços de poder em oposição ao convite de Jesus a segui-lo na temporalidade do processo redentor.

A unidade prevalece sobre o conflito: (EG 226-230)

O conflito não pode ser ignorado ou dissimulado, lavando as mãos como se nada estivesse acontecendo, o que fez o levita e o sacerdote da parábola do Samaritano.

Ele deve ser aceito, mas se ficarmos encurralados nele perdendo o horizonte e reduzindo a realidade ao conflito e assim perdendo o sentido profundo da realidade (ver a tensão plenitude- limite)

Assumir o conflito é **SUPPORTAR**, **RESOLVER** e **TRANSFORMAR** os conflitos num novo processo. Isso exige tempo.

SUPPORTAR como o Cristo fazendo a paz pelo sangue de sua cruz, pacificando o coração da gente

RESOLVER tem um **PRESUPOSTO**: a dignidade humana de todos e cada um, adversário ou inimigo, sem cair num sincretismo ou absorção de um no outro, nem uma paz negociada, mas a **COMUNHÃO NAS DIFERENÇA**, seja **AMIZADE SOCIAL**, seja uma **UNIDADE PLURIFORME** como **OBJETIVO**.

Unidade pluriforma que supõe alteridades irreduzíveis segundo o modelo do **POLIEDRO** onde as diversidades confluem numa unidade que os respeita sem os reduzir à uniformidade (cf. EG 236).

Entre o pressuposto e o objetivo, há uma **CONDIÇÃO SINE QUA NON** que consiste a não absolutizar sua própria posição, nem diabolizar a posição contrária, visando uma harmonia multiforme (EG 220) e a comunhão nas diferenças (EG 228). Isso exige levantar-se a um nível superior (união dos espíritos e corações) a partir do qual é possível entender e assumir como tais as oposições bipolares na suas tensões vivificantes, na busca partilhada do bem comum e no reconhecimento mútuo da dignidade de todos.



Não se trata somente de suportar e resolver o conflito, mas de “TRANSFORMÁ-LO no elo de ligação de um novo processo” (EG 227), para o bem de todos, adversários incluídos, dando ao tempo a prioridade em relação ao espaço. O método é o DIÁLOGO numa CULTURA do ENCONTRO. A paz social fundamenta-se na “convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades [...] num processo de reconciliação (EG 230).

A realidade é mais importante do que a ideia:

Existe e deve existir uma tensão bipolar entre a realidade que é, e a ideia que se elabora. Viver no reino só da palavra, da imagem e do sofisma é separar-se da realidade. Ou pior chegar a um extremo afirmando que se a ideia não funciona, é porque a realidade está errada. E leva a postura autoritária dizendo que o que não pode existir não existe. O conflito, para alguns bem intencionados ou não, não pode existir, então não existe.

Reconhecer a primazia da realidade sobre a ideia supõe “*evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria*” (EG 231).

Esses “ismos” se opõem ao histórico concreto, à relatividade e contingência da realidade histórica, à ambiguidade “impura” da realidade. O eticismo formalista, casuístico e rigorista se opõe à bondade (misericórdia) sem a qual não há ética cristã. A sabedoria que é intelectual e afetiva faz sentir e saborear as coisas inteiramente. Para o papa Francisco, “*o neopelagianismo [...] se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado* (EG 94), com “*uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário*” (EG 94).

O papa Francisco põe este critério em relação com a fé e a pastoral da Igreja. “*Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao*



seu cumprimento. [...] Não pôr em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterelizam o seu dinamismo” (EG 233).

O todo é superior à parte:

“É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha cotidianidade. Ao mesmo tempo, convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra” (EG 234). As duas coisas impedem de cair seja num universalismo abstrato que nos tornam puros espectadores, seja, num fechamento que nos torna incapazes de nos deixar interpelar pelo diferente.

“É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior, [...] sem se evadir nem se desenraizar” (EG 235). O modelo não a esfera, mas o poliedro que *“reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade” (EG 236)* O modelo não é a esfera, que não é superior às partes, onde cada ponto fica a igual distância do centro e onde não há diferença entre um ponto e outro.

No tudo da Igreja e da sociedade, na busca do bem comum, entram os pobres com sua cultura, as pessoas consideradas desviantes formando um povo, mas conservando sua peculiaridade.

Aqui, o conflito fica subordinado a uma unidade superior que respeita a diversidade original. Por outro lado, permite fazer entender, ao mesmo tempo, a mutação do “doutrinal” numa concepção estilística da fé e a distância em relação com *Gaudium et Spes*.

Os diferentes capítulos da segunda parte de *Gaudium et Spes* representam dimensões do humano que formam um tudo; são como projetadas sobre uma esfera onde a Igreja ocupa o centro a igual distância de cada nível da realidade, propondo uma regulação doutrinal fundada sobre a primeira parte do texto que trata “da Igreja e da vocação humana”, onde estamos num universo



homogêneo e unidimensional, segundo o vocabulário de *Laudato si'*, universo dominado por uma “doutrina”. De fato, na GS, o singular, tal indivíduo, tal cultural ou língua, tal povo não tem lugar, pois não é considerado como objeto de interesse.

Na EG, o discurso doutrinal, que insiste sobre os princípios, não perde sua necessária função reguladora, mas não tem condição de encontrar cada cristão, cada pessoa segundo sua singularidade. Só uma aproximação estilística o permite, pois se sensibiliza à confluência de todos os elementos parciais, conservando sua originalidade e sendo habitadas pelo tudo que é a plenitude da riqueza do Evangelho.

6. RETOMADA DOS PRINCÍPIOS NA *LAUDATO SI'*:

A realidade superior à ideia aparece quando constam especializações e fragmentações dos diversos saberes científicos que tornam difícil resolver os problemas complexos, sobretudo os do meio-ambiente, dos pobres e da desigualdade social.

7. OS PRINCÍPIOS COMO CRITÉRIOS DE DISCERNIMENTO

Consonâncias e dissonâncias = consolações e desolações para o sujeito e até para um povo.

Na véspera da festa de Santa Marta, 28 de julho de 2018,

Thierry Linard de Guertechin s.j.